

## PARRESÍA E CUIDADO DE SI: O DILEMA FOUCAULTIANO DAS FORMAS DA VERDADE NA FORMAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Filipe Kamargo de Santana

Universidade Federal de Pernambuco - [filipekamargo@live.com](mailto:filipekamargo@live.com)

**Resumo:** A presente pesquisa teve como objetivo estudar o conceito da parresía e sua importância para os processos de formação ética. A base teórica dessa discussão ancora-se nos trabalhos tardios do pensador francês Michel Foucault. Do ponto de vista metodológico, inicialmente realizamos uma revisão bibliográfica a fim de apreender o uso da noção de parresía, bem como as quatro formas de verdade descritas por Foucault em seus cursos finais no Collège de France (1982-1984): a verdade do profeta, do sábio, do professor e do mestre de existência. Em seguida, analisamos desde uma perspectiva discursiva como a verdade parresiástica afeta a formação ética dos indivíduos. Nesse âmbito, tomamos o exemplo da vida cínica e suas ligações com o modelo parresiástico de verdade. Ao final, foi possível concluir que há uma relação entre os regimes de verdade que adotamos e a construção ética-moral dos sujeitos, o que guarda implicações importantes para a tematização educacional contemporânea.

**Palavras-chave:** Parresía, Cinismo, Formação ética, Educação.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa que subsidiou a realização deste artigo realizou uma discussão a respeito de como as formas de verdade permitem efetuar uma ligação com as diferentes estruturas de formação humana, sobretudo com a formação ética dos sujeitos. Uma questão ainda pouco refletida no campo educacional. Trata-se de uma temática impulsionada pela recepção atual dos trabalhos finais do pensador francês Michel Foucault, principalmente de seus cursos proferidos no Collège de France entre 1982 e 1984. Mais diretamente, o foco consiste em problematizar aspectos do cinismo e da *parresía* abordados por Foucault, no curso denominado A Coragem de Verdade.

No âmbito mais restrito dessa nossa pesquisa, destacamos a noção de *parresía* (franco falar ou coragem de dizer o verdadeiro). Essa noção permite impulsionar um debate acerca dos aspectos éticos que configuram a formação do sujeito livre. Foucault desenvolveu uma análise da *parresía* em estreita conexão com a escola cínica; escola pouco tratada na história da filosofia, em geral, e na história filosófica da educação, em particular. O cinismo, embora tenha suas contribuições praticamente ignoradas pelo campo filosófico e pedagógico, desdobra um tema fundamental para a compreensão das práticas formativas na atualidade: a relação entre formas de existência e a manifestação da verdade.

Como lembra o pesquisador Alexandre Filordi (2013, p. 05), o problema da verdade articulada no campo da educação nos “faz indagar as estratégias capazes de fundamentar o verdadeiro e o falso na ordem das representações e das discursividades”. Um tema importante,

uma vez que, a escola configura-se como uma instituição chave ao colocar em funcionamento toda uma ritualística capaz de operar a favor da verdade. Em outras palavras, o ideal regulador da verdade referencia os nossos juízos, as nossas atitudes e a nossa disposição para assumir determinadas escolhas. Assim, nossa experiência com a verdade prescinde de uma história que ainda não abriu mão de certo momento cartesiano, ou seja, nós modernos, apenas admitimos que o que dá acesso à verdade é o conhecimento e tão-somente o conhecimento.

Nesse registro, o conhecimento torna-se legitimado apenas quando referido por um regime de verdade institucionalizado. Em uma direção oposta, Foucault pensa diferentemente nossa relação com a verdade, provocando certos deslocamentos nos debates educacionais; não mais uma relação da verdade destinada à finalização do conhecimento. Isso é importante, pois sabemos que “bons professores podem ser bons tiranos; bons juízes podem ser bons carrascos; e ao que tudo indica, bons médicos podem ser bons economistas” (FILORDI, 2013, p. 6). Na perspectiva foucaultiana, uma verdade implicaria necessariamente numa alteração da condição do nosso ser, ou melhor, do nosso modo de ser. Para ele, a relação do sujeito com a verdade é sempre ativa, envolvendo “um conjunto de buscas, práticas, experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade” (FOUCAULT, 2006, p.19).

Por essa razão, a pesquisa buscou analisar as formas e as ações do dizer-verdadeiro (*parresía*) e suas implicações para o campo da formação humana contemporânea, tentando estabelecer uma ligação entre a verdade e a construção ética dos sujeitos. Nos termos de Foucault, a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo o ser mesmo do sujeito.

A partir desses indicativos gerais, a pergunta que mobilizou nossa pesquisa consistiu em interrogar o que ocorreria, enquanto exercício de pensamento se, no âmbito da formação humana, pudessemos permitir que a *parrésia* funcionasse como conceito crítico da educação contemporânea? Para responder a questão, assumimos como imprescindível questionar a nossa relação com as verdades acerca da condição do ser das coisas, do ser do mundo, do nosso ser e de nossos saberes-fazer. Mais: admitimos que o exercício da *parresía* pode ser uma das tarefas essenciais à educação enquanto formação humana. Portanto, a hipótese guia é a de que se queremos falar em “revolução na educação”, temos de ter consciência de que, neste caso: 1) qualquer revolução encontra-se no lado da singularidade dos indivíduos que nela estão envolvidos; 2) se há uma revolução a ser feita no âmbito da educação, ela está no registro da crítica às condições limitadoras da própria experiência com e na verdade.

Com base nesses pressupostos, questionamos: Que tipo de verdade é convocada para expor a tarefa de saber, de aprender, de conhecer? Essa indagação trata das matrizes com as quais a verdade contribui para produzir uma dada interpretação dos acontecimentos. Assim, Foucault ressalta que na cultura grega e romana havia um princípio ético-político-formativo fundamental: “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo”. Por essa razão, as escolas filosóficas da Antiguidade desenvolveram uma série abrangente de exercícios e de práticas ancoradas na *parresía*<sup>1</sup>.

O que estava em jogo era a forma, o ato mesmo de dizer a verdade, pois se acreditava que o modo de dizer a verdade possibilitava uma transformação do *éthos* do sujeito. Duas vertentes da *parresía* foram estudadas por Foucault: a *parresía* política e a *parresía* ética. Essa última, caracterizada a partir dos ensinamentos e da vida de Sócrates, pois ele teve a coragem de enfrentar a própria morte a renunciar dizer a verdade. Ainda no âmbito ético, Foucault examinou a *parresía* cínica. A questão da verdade foi colocada pelos cínicos em relação direta com a vida enquanto materialidade. Os cínicos nos perguntavam sobre o que é verdadeiramente necessário para viver. Nos dois casos, a forma da verdade era condicionada a certo número de possibilidades pelas quais ela se manifestava na própria constituição do sujeito.

Dessa ótica, nenhuma verdade é possível sem a sua “prova semiótica”, quer dizer sem o empenho do sujeito numa prática que faça valer a verdade como prova de constituição existencial pela qual vale a pena viver. Por conseguinte, a verdade tornava-se campo de afetação do sujeito. Como pode ser observado, na aula de 24 de fevereiro de 1982, Foucault afirma que uma prática da verdade é “uma maneira de ligar o sujeito à verdade” (FOUCAULT, 2010, p.384). Essa prática foi traduzida várias vezes por Sêneca por *instructio*, como “o elemento da transformação do logos em êthos” (FOUCAULT, 2010, p.394).

Isso significa que dizer a verdade é, simultaneamente, vivê-la; não diferente, viver a verdade é ser capaz de dizê-la verdadeiramente. Em termos pedagógicos, o que isto nos revela, afinal? A resposta é direta: toda experiência com a verdade é imanente ao campo de constituição do sujeito. Saber a verdade implica o sujeito num jogo de autotransformação. É nesta conjuntura que encontramos a figura do mestre de existência como aquele que cuida de

---

<sup>1</sup> Inicialmente, nos textos de Foucault, a *parresía* é abordada como uma espécie de “direito político ligado aos princípios de governo democrático”. A *parresía* era, então, um direito dado a todo o cidadão de usar uma palavra verdadeira em defesa da cidade (FOUCAULT, 2010, p. 69). Fato que demonstra como a *parresía* guardava um sentido político-democrático, sendo invocada em momentos de crise da cidade. Mas é também um direito fundamental dos cidadãos. Esse valor político da *parresía* se ligará as práticas do cuidado de si, uma vez que, exercer a *parresía* política exige do sujeito uma ação moralmente íntegra e preocupada com o bem da cidade (FOUCAULT, 2010, p. 165). A *parresía* exige do sujeito um cuidado com sua vida em suas práticas diárias, ou seja, exige dos mesmos um cuidado de si.

ensinar o cuidado de si a todo aquele que pretenda ascender à verdade. A qualificação necessária ao mestre da existência é justamente a *parrésia* (FOUCAULT, 2010, p.11). A função do mestre-parresiasta é dizer a verdade sem nada ocultar. O parresiasta não é um profissional, porém, alguém envolvido com a verdade a fim de fazer alguém se constituir ao preço de uma verdade própria.

Neste sentido, como insiste Foucault (2014), é preciso analisar a relação entre o parresiasta e as três figuras emblemáticas do dizer-verdadeiro: o profeta, o sábio e o professor. Segundo a interpretação de Foucault, o profeta, o sábio, o professor e o parresiasta representam, em seu conjunto, a tradição em torno dos modos do dizer verdadeiro que se produziu ao longo da extensa linha da história de nossa própria constituição e experiência com a verdade. Esses três arquétipos desenrolam uma estética de existência, uma força modeladora das relações do sujeito consigo próprio, com os outros, com o conhecimento e o próprio mundo.

Assim, a análise dessas figuras e conceitos se faz necessário para a constituição de um pensamento crítico da/na educação, desdobrando novas discussões no meio educacional, a partir dos trabalhos tardios de Foucault, os quais só muito recentemente começaram a despertar o interesse dos pesquisadores em educação.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar os resultados aqui apresentados, a princípio nos debruçamos sobre o entendimento conceitual a respeito do tema, delimitando não apenas as definições, mas também efetuando um trabalho crítico em relação a sua utilização e implicações para a educação. Por essa razão, o principal método da pesquisa, situada no campo da Filosofia da educação, foi a leitura atenta, sistemática e criteriosa dos textos selecionados de Michel Foucault.

Desenvolvemos, então, uma pesquisa bibliográfica sob o enfoque dos estudos foucaultianos. A investigação priorizou a dimensão dos discursos, focalizando o papel central conferido à linguagem nos fenômenos. A relevância desse construto metodológico está no entendimento de que os discursos produzem saberes que interferem nas práticas. Assim, uma pesquisa teórica não é uma pesquisa abstrata. Trata-se sempre de responder a uma situação concreta, visando efetuar uma mudança em sua estruturação no presente (ESTEBAN, 2010). Em nosso caso específico, repensar nossa percepção, relação e produção com a verdade no campo da educação.



Para tanto, analisamos quatro figuras que, segundo a interpretação de Foucault, representam modalidades fundamentais do dizer-verdadeiro, gerando algumas questões referentes à relação com a verdade e o campo da formação humana. Operacionalmente, os procedimentos metodológicos foram os seguintes:

- a) Revisão bibliográfica, nos textos tardios de Foucault, das noções de cuidado de si, ascese e *parresía*, delimitando como corpus do trabalho os textos relativos a *parresía* e ao cinismo presentes nos dois cursos finais proferidos no *Collège de France: O governo de si e dos outros; e A coragem da verdade*.
- b) Análise discursiva das quatro figuras da *parresía* na Antiguidade greco-romana, delimitando o modo como essas figuram e agenciam discursos e práticas, e problematizando seus efeitos para a educação na medida em que esta se coloca como tarefa não só produzir saberes, mas modos de viver.

Desse modo, ao longo da investigação, a relação estabelecida com o pensamento foucaultiano foi recortada pelo chamado *Foucault tardio*, ou seja, um Foucault que se debruçou sobre temáticas relativas à formação ética e moral dos sujeitos. Esse Foucault se apresenta sendo um pesquisador da *genealogia ética*, cujos trabalhos iniciados a partir da obra *A história da sexualidade*, publicada em 1976, se estende até o final de sua vida em 1984.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *A parresía enquanto construção histórica*

Na Antiguidade greco-romana a *parresía* era uma característica imanente aos processos de governo, ou seja, uma condição exigida de todos aqueles sujeitos encarregados de guiar as condutas dos outros (políticos, professores, filósofos). A palavra era comumente traduzida como “fala Franca”. As análises históricas de Foucault explicitaram que a *parresía* era uma forma de dizer a verdade que implicava um risco, pois o parresiasta precisava mostrar a verdade enunciada em seus próprios atos, quer dizer em sua vida (FOUCAULT, 2014). O falar francamente, portanto, não abarcava apenas o âmbito da palavra, mas todo o bíos, toda a existência qualificada dos sujeitos nela envolvidos. Mais concretamente, a *parresía* era uma maneira dos cidadãos se inserirem na gestão política da cidade, sendo invocada comumente em momentos de crise em que era vital intervir nas decisões coletivas.

Como forma específica de exercício político, a *parresía* podia se apresentar tanto em regimes democráticos como em regimes monárquicos. Mas na leitura foucautiana enquanto prática política de governo, a *parresía* tinha seu espaço melhor amparado nos governos

monárquicos. Isso se deve ao fato que a *parresía* na democracia precisava lidar com as divergências ideológicas de muitos, ou seja, ela disputava com os sofistas e sua retórica. No decorrer do curso *A coragem da verdade: Governo de si e dos outros II*, Foucault apresenta as formas da *parresía* demonstrando a versatilidade do termo: a *parresía* judiciária (a voz do fraco perante o forte em socorro), a *parresía* moral (a fala da confissão, visando alívio do peso na consciência), a *parresía* filosófica que foi aquela de que mais se ocupou o autor, tendo em sua vista sua aparição justamente nos cenários de crise democrática. O exemplo dessa forma de *parresía* é discutido a partir dos textos platônicos (FOUCAULT, 2014, p. 201). A razão é que todas as características necessárias ao parresiasta (ter uma vida decente, ser um cidadão respeitado) se mesclavam com a vida do filósofo, considerado por Platão um homem que podia ver e ouvir a voz da cidade e auxiliar o governante a cumprir seu papel de governante sábio.

É esse, para Foucault, o lugar onde a *parresía* parece ser concebida de maneira mais complexa enquanto forma política de ação, fazendo do filósofo uma guia para as ações de governo dos outros: “em suma, isso equivale dizer que é preciso que a alma do Príncipe possa se governar verdadeiramente segundo a filosofia verdadeira, para poder governar os outros de acordo com uma política justa” (FOUCAULT, p. 268, 2014). O filósofo parresiasta configura-se como um guia, exemplo a ser seguido e admirado, incitando cada sujeito, sobretudo, o governante, a cuidar de si enquanto condição para cuidar dos outros.

Observamos então que o cuidado de si é fundamental para o exercício da *parresía*, colocando sobre os ombros daqueles que exercem o poder a exigência do dizer a verdade. O falar francamente era, de fato, uma condição do bom governo. A *parresía* filosófica era mais que uma simples técnica de discurso, mas uma experiência de vida. Essa forma de compreensão do papel filosófico da *parresía* difere daquela praticada pelos cínicos. Nesse caso, como veremos adiante, a *parresía* era exercitada na praça pública em uma relação direta com o povo.

### ***As quatro formas de relação com a verdade***

Em seu último curso junto ao *Collège de France*, Foucault apresentou quatro formas de relação com a verdade a partir da *parresía*. Todas elas implicando estéticas próprias do existir, ou seja, desvelando formas dos sujeitos constituírem suas vidas.

Essas quatro figuras se manifestam na vida do profeta, do sábio, do professor e do mestre de existência. Cada uma dessas formas de vida tem suas características próprias e

também estabelecem um tipo específico de relação com o meio social em que estão inseridas, revelando formas éticas de ação baseadas nesses diversos modelos de dizer-a-verdade. A primeira delas é a figura do profeta. O profeta é aquele sujeito que representa a verdade do que está por vir, verdade de um Outro, verdade de um terceiro que é apresentada pelo mensageiro (o profeta) que se apresenta em forma terrena. Assim, o profeta apresenta aos seus ouvintes um mundo novo, uma nova perspectiva que vai trazer à tona algo que está em um horizonte que os demais seres humanos ainda não podem contemplar.

O dizer-a-verdade profético também é intermediário na medida em que, de certo modo, claro, o profeta desvela, mostra, esclarece o que está escondido dos homens, mas por outro lado, ou antes, ao mesmo tempo, ele não desvela sem ser obscuro e não revela sem envolver o que diz em certa forma, que é a do enigma (FOUCAULT, 2014, p.15).

Contudo, diz Foucault, o dizer-a-verdade profético difere em certo sentido do dizer-a-verdade da *parresía*, pois aquela se centra em falar a respeito de outro mundo ou de outro tempo, enquanto a *parresía* se liga a um ato de conscientizar o outro em relação às suas próprias ações no presente. Nesse sentido, o profeta encarna um modelo de verdade que tem como característica principal efetuar uma relação de espera e, ao mesmo tempo, uma relação de dependência face à origem verdadeira do dizer do profeta: Deus. Do ponto de vista da formação, trata-se de uma forma de verdade que se liga ao homem a partir de uma promessa, sempre tendo em vista um futuro ou um outro mundo. Essa é a verdade da profecia.

A segunda forma de relação com a verdade é encarnada pelo sábio. O sábio profere o discurso da sabedoria. A verdade da sabedoria está pautada em uma relação onde o conhecimento, as experiências, enfim a sua sabedoria fica centrada em si mesmo. Pois, “no fundo o sábio é sábio em si e para si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 17). O sábio tem uma relação mais próxima da *parresía* já que ele fala a partir de suas indagações. No entanto, segundo Foucault, ele não necessita que esse conhecimento seja propagado. O sábio tem seu conhecimento para si e não precisa estabelecer uma relação messiânica ou de aprendizagem. O sábio é movido pelo ideal da autarquia, não tendo necessidade de expor seu conhecimento, o que não significa que ele, em determinadas situações, não possa auxiliar os outros com seu conhecimento.

Entretanto essa sabedoria só vai ser declarada caso seja solicitada. Outra característica do dizer-a-verdade da sabedoria é que “a sabedoria diz o que é, ou seja, ao contrário da profecia em que o que é dito é o que será” (FOUCAULT, 2012, p. 17). Percebe-se assim a diferença entre o sábio e o profeta. O sábio fala a respeito das coisas como são, do que elas

são. Enquanto o profeta fala do futuro, de um tempo em que se alcançará determinado ideal. A verdade da sabedoria trás consigo um efeito muito claro no âmbito da formação humana: a necessidade de estar em constante processo de interrogação do conhecimento.

Em seguida, encontramos o dizer-a-verdade do professor. Foucault apresenta essa forma de verdade avaliando o trabalho de diversas profissões (médicos, carpinteiros e etc.), mas a figura do professor adquire um caráter fundamental dentro dos seus estudos, pois o dizer-a-verdade do professor está pautado em uma relação direta com o conhecimento, onde o professor assume também (diferentemente do sábio) o papel de propagador de um conhecimento tido como verídico. Trata-se de um dizer a verdade voltada para sua própria reprodução, isto é, para a transmissão. Uma relação antiga e que visa dotar o sujeito de determinadas capacidades para que possa exercer determinado ofício.

Ele mesmo [o professor], esse homem da *Tèkhne*, não teria podido evidentemente aprender nada e não saberia nada hoje ou pouquíssima coisa, se não tivesse havido, antes dele, um técnico (*Tekhnítes*) como ele que lhe ensinou, de que foi discípulo e que foi seu mestre (FOULCAULT, 2014, p. 24).

Essa é “marca forte” da verdade do professor: a técnica que garante a continuidade do saber. Algo que ainda se vê com muita clareza nos dias atuais, onde o trabalho dos médicos, professores, advogados, etc., é o de exercer uma função que lhes foi ensinada em um momento e que eles apenas as colocam em um papel prático da questão. Embora Foucault ressalte o valor dessa forma de verdade (FOULCAULT, 2014, p.24), o fato é que esse modelo ainda não consegue dar conta de uma formação verdadeiramente ética de sujeito. Pois, dessa ótica, a técnica ou o saber transmitido não é suficiente para garantir a formação humana.

Antes de passarmos a discussão a respeito do mestre de existência, é necessário esclarecer alguns pontos a respeito dessas modalidades de dizer-a-verdade que eram fundamentais na antiguidade clássica. Um primeiro ponto de fundamental importância é o fato de que todas essas formas de discurso verdadeiro têm seu lugar específico dentro da sociedade, e todas elas de alguma forma ou de outra se encontram dentro da verdade parresíastica, sendo fundamentais para a elaboração de seu conceito dentro do trabalho foucaultiano.

Além disso, essas formas de discurso de verdade não são estáticas, elas interagem entre si de formas variadas, se tornando dentro de determinados momentos outras formas de relação verdadeira. Por exemplo, como descreve Foucault, a forma de vida do filósofo Sócrates que abrange todas essas formas de verdade e também a *parresía* filosófica, também tem relação



como o dizer-a-verdade da sabedoria e com o ensino. Essas relações mostram a complexidade envolvida na temática, bem como nas implicações educacionais que daí podem ser pensadas.

### ***A existência enquanto forma de verdade: A filosofia cínica do mestre de existência***

Chegamos, então, ao dizer-a-verdade do mestre de existência. Essa forma de relação com a verdade articula uma discussão ampliada com a *parresía* ética. Um modelo parresiástico cuja forma exemplar é encontrada na vida de Sócrates. A *parresía* ética é o discurso que torna o sujeito capaz de lidar e criticar as suas próprias capacidades (FOULCAULT, 2014, p.130). Assim, o dizer-a-verdade do mestre de existência tem no cuidado de si sua condição básica, implicando a vida do próprio parresiasta. Em outros termos, exige do sujeito um cuidado para que o seu dizer-a-verdade seja condizente com o que a sua vida é, ligando o dizer a verdade e a forma de vida do indivíduo. O mestre de existência, portanto, é aquele que faz de sua vida uma exposição efetiva, concreta e constante da verdade, com o propósito de fazer os demais refletirem a respeito da maneira como se desenrolam suas próprias vidas. Esse modo de vida é tão raro que chega a chocar os que se encontram ao redor do mestre da existência.

Para Foucault os grandes representantes dessa conduta são os *filósofos cínicos*: “o cinismo me parece, portanto uma forma de filosofia na qual modo de vida e dizer-a-verdade estão direta, imediatamente, ligados um ao outro” (FOUCAULT, 2014, p. 144). A filosofia cínica tem como fundamento essa ligação com a verdadeira vida, exercendo “em e por sua vida o escândalo da verdade, é isso que está no cerne do cinismo. E é por isso que, com o cinismo temos, parece-me, um ponto bem notável e que merece um pouco de atenção, se quisermos fazer a história da verdade e a história das relações de verdade com o sujeito (p. 152). Mas essa filosofia foi marginalizada dentro da cultura filosófica e social ocidental.

Preocupados com os rumos da cidade da qual fazem parte, os cínicos usam suas vidas como formas de expressão da verdade. Com isso, eles chocam a todos com a sua vida verdadeira, uma vida que não teme retaliações e se faz marcante por não ser cercada de censuras e medos. “É uma vida que faz em público e aos olhos de todos o que somente os cães e os animais ousam fazer, enquanto os homens geralmente escondem” (FOUCAULT, 2014, p. 213). Uma vida que obedece a um determinado conjunto de princípios: viver reto, não dissimulado e soberano. Foucault apresenta a vida cínica como sendo uma vida reta que não se desvia de seu caminho, uma vida que não se dissimula, ou seja, que não esconde nada de ninguém e uma vida soberana que permanece inabalável em meio aos acontecimentos que a cercam.

O cínico então é o mestre de existência em seu nível mais elevado, aquele que se coloca em meio ao todo vivendo sua vida de acordo com a verdade, e que através de seu exemplo e de sua forma de vida afeta profundamente aqueles que entram em contato com a sua vida. “O heroísmo filosófico, a vida filosófica como uma vida heróica, é algo que foi inscrito e transmitido por essa tradição cínica” (FOULCAULT, 2014, p. 186). O poder dos cínicos está em ser para a sociedade a prova viva daquilo que elas insistem em mascarar.

O cinismo é uma forma de vida que muda o outro através do choque com essa forma de vida escandalizada. Por isso, a forma de ensino dos cínicos tem despertado muita atenção, uma vez que está baseada em um processo de aprendizagem bem específico. Para o cínico aprender é exercitar. “Em todo caso é o caminho do exercício, o caminho da *áskesis*, o caminho das práticas de despojamento e de resistência” (FOULCAULT, 2014, p. 183) que configura a escola cínica. Um caminho que exige muito de seus alunos, pois trata de aprender a viver o que se estuda. É a própria vida do cínico que se torna o campo de prova da aprendizagem.

Isso porque para o cínico é preciso expor o sujeito de forma direta à verdade, fazendo que através desse encontro direto e chocante o aprendiz possa sentir de forma prática o valor da verdade. Nessa direção, os ensinamentos materializam-se em exemplos, o que depende tanto da maneira como a vida do mestre se apresenta, como da disposição do que aprende a exercitar o que está sendo apresentado como verdadeiro mestre da existência. De fato, afirma Foucault, “para os cínicos, o ensino filosófico não tinha essencialmente como função transmitir conhecimentos, mas, sobretudo e antes de tudo, dar aos indivíduos que eram formados um treinamento ao mesmo tempo intelectual e moral” (FOULCAULT, 2014, p. 181). A vida cínica tem como objetivo ser exemplo, exemplo que escancara a verdade.

Mais: esse cuidar de si através da forma de dizer-a-verdade traz para a formação humana uma forma nova de apreender o papel da educação, efetuando junto à vida toda uma relação que desencadeia um processo de transformação do outro. Um modelo de formação pautado no cuidado do sujeito com a sua vida, com a maneira como ela deve ser vivida.

Ele [o cínico] faz enfim da forma de existência um modo de tornar visível, nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e viver a própria verdade. Em suma o cinismo faz da vida da existência, do *bíos* o que poderíamos chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade (FOULCAULT, 2014, p150).

Essa forma de educar deve ser vista e estudada visando estabelecer o trabalho do professor não apenas como o trabalho de um instrutor, mas também como o trabalho de

formação de um sujeito que se relacione com a sociedade de modo que através de sua vida tente mudar a construção social na qual ele está inserido. Essa discussão traz à tona uma nova gama de questões a respeito de como a educação vem sendo praticada atualmente.

Estamos efetivamente educando nossos jovens para serem capazes de enfrentar e saber lidar com as questões fundamentais da vida? Essa questão é de extrema importância para que a educação contemporânea possa efetuar uma crítica construtiva a respeito da maneira como está sendo planejada e construída. Estamos auxiliando nossos jovens a cuidarem de si mesmos e viverem verdadeiramente, ou apenas está em jogo uma gama de conhecimentos de caráter meramente instrutivo dentro das nossas escolas?

## CONCLUSÕES

O livro de Foucault *A coragem da Verdade: O governo de si e dos outros II* é uma transcrição de seu último curso ministrado no *Collège de France*, que tem como objetivo continuar e ampliar os estudos sobre a questão da *parresía*. Nesse curso o uso da *parresía* passa a ser questionado e colocado em um ponto de reflexão em relação ao seu valor para a sociedade. A coragem da verdade aparece, de modo paradigmático, na forma cínica de viver. O desejo de Foucault é o de pensar a prática parresiástica em um contexto de mudança brutal da maneira como a formação política e ética dos sujeitos vem sendo concebidas, mostrando como o princípio da verdade quando mesclado à própria forma de viver torna-se capaz de transformar e trazer à tona novas relações dos indivíduos com seus meios sociais.

Frédéric Gros (2014) esclarece que através dessa integração da verdade para com a vida verdadeira, dessas formas de dizer-a-verdade como maneira de se relacionar e efetuar uma transformação prática no mundo ao nosso redor, a partir desse contexto filosófico que Foucault se depara e nos apresenta as quatro formas de verdade com as quais ele demonstra essas estéticas de existência. Cada uma dessas formas de verdade tem suas singularidades e resignifica as questões éticas relativas à formação dos sujeitos. Como vimos, são quatro formas de verdade que Foucault analisa: a verdade do profeta, do sábio, do professor ou do técnico e a do mestre de existência. Sua analítica fomenta novas possibilidades de pensamento acerca das relações éticas envolvidas nos nossos processos de formação dos sujeitos.

O cínico, contudo, encarna exemplarmente os desafios implicados na formação ética. A *parresía* cínica enquanto coragem de viver de acordo com a verdade mostra, de maneira escandalosa, o sentido radical do acontecimento da verdade. É na figura desse mestre de existência que Foucault vislumbra uma crítica potente ao modelo de educação contemporâneo. Pois, a maneira como educamos tem se mostrado incapaz de suscitar uma

relação efetiva de formação onde o conhecimento seja mais que ornamento. É essa a questão que Foucault começou a tematizar em seus estudos tardios, e que agora tentamos correlacionar de maneira mais direta com o campo educacional. Essa discussão problematiza o sistema educacional atual e levanta novas possibilidades para as relações de ensino-aprendizagem ao recuperar o legado pedagógico do cinismo para a reflexão educativa.

Por fim, através do pensamento foucaultiano, destacamos o questionamento a respeito da maneira como a educação carrega e conduz um poder de construção ético-moral muito característico. Uma vez que, é através do processo educacional que o indivíduo se relaciona com a construção social da verdade. Baseado nisso, as figuras de verdade aqui investigadas são de fundamental importância para a formação dos sujeitos, abrindo outros modelos analíticos capazes de revitalizar o debate sobre o sentido da educação.

## REFERÊNCIAS

- ESTEBAN, Maria Paz Sandin. Cap.6 **Bases conceituais da pesquisa qualitativa**. In. Pesquisa qualitativa em educação: Fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- FILORDI, Alexandre. **Lugares, formas e ações do dizer-verdadeiro no cuidado de si: o que isto tem a ver com o campo da educação contemporânea?** Disponível em: <https://docplayer.com.br/81695083-Lugares-formas-e-acoes-do-dizer-verdadeiro-no-cuidado-de-si-o-que-isto-tem-a-ver-com-o-campo-da-educacao-contemporanea.html> – Acesso 10/04/2018
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. 2º ed. São Paulo: Martins fontes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- GROS, Frédéric. **Situação do curso**. In. A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II. 2º ed. São Paulo: Martins fontes, 2014.